

Identidade, memória e esquecimento no romance *Ohnehin* de Doron Rabinovici

Anabela Valente Simões

Universidade de Aveiro

Thomas Kraft, na obra *aufgerissen. Zur Literatur der 90er*, publicada em 2000, editou uma compilação de estudos acerca de treze autores que marcaram a década de noventa. No capítulo introdutório, Kraft procurou descrever o que, segundo o seu ponto de vista, marcou os anos noventa e que características se assumiram como traços distintivos dessa década (Kraft 2000, 11-24). O ponto de partida da reflexão é a constatação de uma realidade irredutível: nomes como Thomas Bernhard, Max Frisch, Friedrich Dürrenmatt, Wolfdieter Schnurre, Elias Canetti, Ernst Jünger, entre outros, morreram no decorrer dos anos noventa, o que determinaria o final da “literatura alemã do pós-guerra”. Não obstante, nessa que foi a década da Globalização, do final do Socialismo, da Reunificação e da cultura de massas, a temática da guerra parece não ter sido encerrada, uma vez que a cultura da lembrança e os lugares de memória continuaram a ocupar uma posição de destaque no panorama literário nacional alemão: “Erinnerungskultur und Gedächtnisorte avancierten vor dem Hintergrund des Kriegsendes vor 50 Jahren zum Thema von Talkshows und Symposien; jüdische Memoirenliteratur, die Shoah im Einzelschicksal zu fassen sucht, hat heute Hochkonjunktur” (*idem*, 11).

No final da década de oitenta e ao longo da década de noventa assistimos, com efeito, e por um lado, ao continuado aparecimento de textos de cariz autobiográfico de autores sobreviventes e, por outro lado, assistimos ao emergir de uma geração de autores que, não tendo vivido os anos da ditadura nacional-socialista, dedicam os seus textos a motivos relacionados com o mesmo acontecimento histórico. Kraft apontou o exemplo de Maxim Biller que, na década de noventa e com forte destaque, “irrompeu na realidade alemã e que, tendo como cenário de fundo o abismo do Holocausto, acusou os receios, tabus, mentiras e sentimentos de culpa existentes no relacionamento entre

alemães e judeus” (*idem*, 19). As gerações pós-Holocausto deixam-se ainda representar por uma vasta e rica paleta de escritores alemães e austríacos, judeus e não-judeus, de

onde destacamos os nomes de Katja Behrens (1942), Ruth Beckermann (1943), Robert Schindel (1944), W.G. Sebald (1944-2001), Bernhard Schlink (1944), Viola Roggenkamp (1948), Barbara Honigmann (1949), Esther Dischereit (1952), Robert Menasse (1954), Jan Koneffke (1960), Doron Rabinovici (1961), Tanja Langer (1962), Marcel Beyer (1965) ou Katharina Hacker (1967).

Aleida Assmann, na monografia *Generationsidentitäten und Vorurteilsstrukturen in der neuen deutschen Erinnerungsliteratur*, apresenta um importante contributo para a discussão em torno das especificidades desta geração nascida após o final da guerra. Depois de partir de uma reflexão mais genérica sobre o conceito de “geração”, ideia à qual subjaz a inevitável lógica de substituição que rege o mundo orgânico e económico – isto é, os elementos mais novos tomam o lugar dos mais velhos, que estão mais próximos da morte ou da desvalorização –, a autora sublinha o facto de que esta lógica, quando nos referimos ao contexto familiar e social, deve ser interpretada de forma menos rígida (Assmann 2006a, 18). Ao contrário dos microrganismos ou dos objectos comercializáveis, as relações familiares e sociais não são substituídas de forma automática, mas sim progressiva; posto de outro modo, através das ideias de “prolongamento da existência” e “retardamento do final”, o Homem vive num universo presidido por sobreposições que o historiador Wilhelm Pinder, citado por Assmann, descreve da seguinte forma: “Jeder lebt mit Gleichaltrigen und Verschiedenaltrigen in einer Fülle gleichzeitiger Möglichkeiten. Für jeden ist die gleiche Zeit eine andere Zeit, nämlich ein anders Zeitalter seiner Selbst, das er nur mit Gleichaltrigen teilt” (*apud* Assmann 2006a, 19). Posto de outro modo, em sociedade o nascimento de um indivíduo não implica a substituição de outro, mas sim, a sobreposição de vivências, a partilha de experiências.

Não obstante esta partilha, as diferentes gerações tendem a criar um limite em torno de si próprias, impõem características específicas e assumem mundividências que as demarcam das restantes. Cada geração forma-se essencialmente através de uma ideia de fricção e demarcação recíprocas, isto é, cada um dos grupos compreende-se e tematiza-se sempre a partir do princípio básico de que é diferente da geração que lhe

antecedeu (Assmann 2006a, 18). Este princípio, motivado por uma necessidade inata de distinção, é o motor para a busca de um perfil, de uma identidade geracional. Todavia, a identidade de um sujeito não é unicamente alicerçada sobre as suas vivências ou sobre o modo como apreende o mundo que o rodeia. A forma como determinados acontecimentos históricos se transformam em memórias desempenha igualmente um papel fundamental no processo de formação identitária. Observando-se como elemento pleno de um determinado “grupo-nós” – por exemplo, a família ou a comunidade a que pertence – o indivíduo interessa-se não apenas por aquilo que viveu e experimentou, mas também pelo percurso histórico do contexto onde é actor social. Esta concepção da identidade, que se descentraliza do indivíduo e que coloca a tónica dominante num vector mais social, pode ser ilustrada através do seguinte pensamento de Nietzsche que, considerando que cada indivíduo será o resultado dos erros e crimes da geração que lhe antecedeu, abre caminho para a discussão em torno da geração objecto do nosso estudo:

Da wir nun einmal die Resultate früher Geschlechter sind, sind wir auch die Resultate ihrer Verirrungen, Leidenschaften und Irrtümer, ja Verbrechen; es ist nicht möglich, sich ganz von dieser Kette zu lösen. Wenn wir jene Verirrungen verurteilen und uns ihrer für enthoben erachten, so ist die Tatsache nicht beseitigt, dass wir aus ihnen herkommen. (*apud* Assmann 2006a, 23-24)

A afirmação de que a formação identitária do indivíduo tem o seu início mesmo antes da sua própria existência, aponta para um determinismo que adquire particular importância quando circunscrevemos a nossa observação à geração dos indivíduos que nasceu no pós-1945, cuja vivência Aleida Assmann descreve da seguinte forma: “Wir leben im Schatten einer Vergangenheit, die in vielfältiger Form in die Gegenwart weiter hineinwirkt und die Nachgeborenen mit emotionaler Dissonanz und moralischem Dilemma heimsucht” (Assmann 2006a, 39). Com efeito, esta imagem de uma vivência sob a sombra do passado, presente em inúmeras reflexões sobre a problemática dos efeitos transgeracionais do passado nacional-socialista, pauta o discurso literário do pós-guerra, cujos textos abarcam uma fusão entre os universos histórico, social e familiar. Os autores das gerações pós-Shoah narram, assim, a história e a memória colectiva da comunidade onde actuam através da verbalização das suas histórias familiares, articulando a sua perspectiva interna, fundada no restrito universo familiar, com uma

perspectivação externa assente na reflexão e análise proporcionadas pelo distanciamento temporal em relação aos acontecimentos.

Falar de uma geração de autores que dedica os seus textos a um acontecimento central do passado histórico, impõe uma referência à questão da memória e exige uma

reflexão sobre a forma como o passado pode influir na constituição da identidade. Com efeito, especialmente no decorrer das duas últimas décadas um crescente número de investigadores de diferentes áreas tem vindo a desenvolver variadas teorias que descrevem e explicam como a identidade do sujeito é formada. As diferentes interpretações e variações registadas ao longo dos anos comprovam que se trata de um conceito complexo, que não permite uma definição simples e rápida. Não obstante estas constrações, podemos muito sucintamente afirmar que a definição da identidade de um sujeito assenta em três aspectos essenciais: assim, e de molde a poder constituir a sua identidade, cada sujeito tem de ser dotado da capacidade de auto-representação (no sentido da auto-percepção, da consciência que tem de si próprio); tem de actuar num determinado contexto social e cultural (é aqui que assume a função de actor social; é aqui que desenvolve um sentimento de pertença); por fim, tem de estabelecer interacções sociais (é sempre na presença do *outro* que a identidade de cada indivíduo se forma e se transforma). Nesta ordem de ideias, a identidade individual de cada sujeito caracteriza-se por ser uma estrutura complexa, integrada e coerente do Eu, que se elabora em interacção com os outros no seio de um contexto, de um espaço social e cultural particular.

O conceito de identidade aponta igualmente para a noção de “ser idêntico” a alguém, isto é, partilhar com o *outro* um conjunto de características. A língua, a história, costumes ou tradições comuns a um grupo específico, ou, num âmbito mais alargado, a uma nação, assumem-se, então, como elementos culturais partilhados e, por isso, traços distintivos de uma identidade colectiva. Contudo, no mundo actual – marcado por processos de globalização ou mundialização que tornam as fronteiras culturais de cada grupo permeáveis a um grande conjunto de influências – a noção de identidade tem que se ajustar a uma nova realidade que se encontra em constante evolução e mutação. O sujeito pós-moderno é, assim, um actor social que, ao passar ao longo da sua vida por diversas evoluções, metamorfoses e identificações, não possui uma identidade fixa e permanente. Este sujeito integra, ao invés, múltiplas identidades, algumas contraditórias,

formadas e transformadas de modo continuado à medida que o sujeito actua nos diferentes sistemas culturais que o rodeiam. Em suma, no contexto da Pós-Modernidade “identidade” é, essencialmente, um conceito plural, na medida em que o sujeito actua simultaneamente em múltiplas constelações identitárias; é um conceito dinâmico, i.e. está em constante transformação; é um conceito discursivo, pois constitui-se no processo de comunicação, de interacção social (Ramalho e Ribeiro 2001, 416).

Em articulação com todos estes aspectos, a nossa memória, a nossa memória histórica ou colectiva, detém de idêntico modo uma função nuclear no que concerne à formação da identidade. Na verdade, a questão da memória e a forma como se relaciona com o passado é um dos tópicos centrais da reflexão contemporânea. A memória permite que cada indivíduo narre a sua própria história, permite que o sujeito, ao relacionar os vários episódios ou estádios pelos quais passou, atinja um estádio de auto-compreensão. Esta construção organizada dos momentos vividos permite que o sujeito alcance um sentido de continuidade e coerência, tão importantes no processo de formação identitária. Mas, tal como já foi mencionado, não são apenas os eventos vivenciados que contribuem para a formação identitária do sujeito; acontecimentos ou factos ocorridos antes do seu nascimento podem integrar de idêntico modo a identidade de um indivíduo. Esta premissa conduz-nos ao objecto da minha investigação. Na verdade, esta geração não foi exposta nem à violência genocida nazi, nem testemunhou as acções bárbaras cometidas pelas tropas alemãs. Todavia, devido à singularidade desta pesada herança histórica e à amplitude transgeracional que lhe é inerente, o Holocausto tornou-se num marco que, inevitavelmente, tem integrado o perfil identitário deste grupo social.

De facto as gerações pós-Holocausto não possuem uma memória real deste acontecimento histórico, possuem, ao invés, uma espécie de memória secundária, uma memória intermediada que, indirectamente, também lhes pertence. Os processos de transmissão desta memória, descritos com minúcia em estudos de Jan e Aleida Assmann, obedecem a duas tipologias de memória que podem ocorrer de forma concomitante ou não. Assim, os acontecimentos do passado podem ser transmitidos às novas gerações quer através dos mecanismos da “memória comunicativa” (quando o conhecimento desses mesmos eventos é transmitido de forma intergeracional sempre que os membros mais velhos do grupo narram aquilo que testemunharam ou viveram), quer através dos pressupostos da “memória cultural”, isto é, quando os acontecimentos

são apreendidos com base em meios simbólicos. São meios simbólicos as representações materiais, inscritas em livros, filmes, fotografias ou imagens, e as práticas simbólicas, perpetuadas a partir de um conjunto de tradições, comemorações ou rituais celebrados no seio de cada comunidade (Assmann 1992, 50-52; Assmann 2006b, 51-58).

Referindo-se em concreto à geração de artistas pós-Holocausto, James E. Young considera que esta é uma geração que tem construído uma imagem do passado essencialmente a partir de uma “história recebida”, isto é, a sua experiência do Holocausto advém dos meios simbólicos referidos por Assmann. Trata-se de uma experiência mediada, de uma pós-vida da memória que se deixa representar por pós-imagens da história, uma memória que, muito depois de o acontecimento central ter ocorrido, permite a produção de imagens claras, poderosas e detalhadas (Young 2000, 3-4). Esta ideia do que vem depois, do que se segue na ordem dos tempos transmitida pelo prefixo “pós”, conduz-nos à categoria de memória que Marianne Hirsch, na obra de 1997 *Family Frames: Photography, Narrative and Postmemory*, cunhou de “pós-memória”. A pós-memória, conceito que descreve a relação das gerações pós-Holocausto com experiências traumáticas não vivenciadas pelos próprios, é uma forma muito particular de memória, uma vez que a ligação do sujeito ao objecto é mediada por terceiros, isto é, a narração não é elaborada com base na rememoração de eventos vividos pelo próprio, assentando, ao invés, num investimento imaginativo e na criação. A pós-memória caracteriza, assim, a experiência daqueles que cresceram dominados por narrações de factos anteriores ao seu nascimento e cujas histórias são, no fundo, as histórias de indivíduos da geração anterior (frequentemente, os seus identificadores primários), para quem os acontecimentos traumáticos nunca foram nem compreendidos, nem recriados (Hirsch 1997, 22). Hirsch reconhece ainda o carácter problemático desta terminologia, nomeadamente no que concerne a utilização do prefixo “pós” que, muito embora possa parecer que remeta para o que está para além da memória – o que, no entender de muitos, poderá ser a própria história –, tem, neste contexto específico, um significado muito particular: a pós-memória afasta-se da história pela profunda ligação pessoal do indivíduo que elabora a narrativa e distingue-se da memória pela distância geracional. Não obstante esta distinção, há um claro denominador comum que prevalece: tanto a memória como a pós-memória dizem respeito a “construções de um tempo que já passou” (*ibidem*), um tempo que marcou o percurso biográfico daqueles que o viveram e um tempo que continua a influenciar a vida daqueles que têm de

construir e consolidar a identidade sob o legado de um trauma parental ou sob o peso do passado histórico do país.

Como já foi referido, é bastante significativo o conjunto de autores que nas suas encenações literárias exploram as suas pós-memórias deste acontecimento absolutamente singular e que, por isso, é percebido por muitos como o evento central do século XX. Neste artigo iremos dar particular enfoque a Doron Rabinovici, autor e historiador de origem judaica e uma das vozes intelectuais que, no contexto austríaco, mais tem contribuído para o debate público de questões actuais de ordem social e política.

Alguns anos depois do primeiro romance *Suche nach M.* (1997) e após a publicação de algumas obras de cariz histórico e intervencionista como, por exemplo, a tese de doutoramento *Instanzen der Ohnmacht* (2000) e a colecção de textos sobre política austríaca *Republik der Courage. Wider die Verhaiderung* (2000) e *Österreich. Berichte aus Quarentanien* (2000), Doron Rabinovici regressa à literatura em 2004 e publica o seu segundo romance *Ohnehin*. Se em *Suche nach M.* Rabinovici explorou a temática da complexa transmissão intergeracional da memória e da culpa sentida pela geração de filhos de sobreviventes do Holocausto e das implicações dessa herança familiar na procura e formação identitárias, em *Ohnehin* o autor parte de algumas das questões identitárias versadas no primeiro romance e procede a um exame crítico da realidade social austríaca, nomeadamente no que diz respeito às condições de integração de sujeitos estrangeiros.

As coordenadas espaço-temporais do romance encontram-se definidas de forma inequívoca: Viena, Verão de 1995. A escolha do ano de 1995 não terá sido casual. Este é um ano extremamente marcante não só para a Áustria como também para o mundo de forma geral. Senão vejamos: 1995 é o ano de entrada da Áustria na União Europeia e o momento em que a controversa figura de Jörg Haider se tornou internacionalmente conhecida graças a uma campanha anti-Europa e a discursos de índole explicitamente racista e anti-semita, lançando, pelas piores razões, o olhar do mundo sobre aquele país; assistiu-se a uma campanha eleitoral polémica, acompanhada de fortes manifestações de protesto e actos de violência; internamente os austríacos discutiram ainda uma política de asilo que viria a gorar as expectativas de muitos visados. O ano de 1995 é ainda emblemático na medida em que se celebraram os cinquenta anos do final da Segunda

Guerra Mundial e da libertação de Auschwitz e o 40º aniversário da retirada das Forças Aliadas. A nível externo o clima era também de instabilidade: o processo de paz em Israel foi ameaçado com o assassinato de Yitzhak Rabin e, nos Balcãs, a guerra civil fez relembrar os horrores do passado.

No início do texto é enunciada a afirmação que viria a ocupar um lugar central na narrativa: “Einmal muß Schluß sein. Genug der Leichenberge, fort mit Krieg und Verbrechen” (Rabinovici 2004, 7) – protesta o médico neurologista Stefan Sandtner, o protagonista, ao verificar que nos diversos canais de televisão as notícias exploram o mesmo assunto: a Guerra nos Balcãs e o aniversário da libertação de Auschwitz. O personagem principal é retratado como o elemento Austríaco *neutro* que actua nos dois palcos da narração, dois fios condutores distintos que com o avançar do texto acabarão por se cruzar.

Um dos eixos temáticos do romance conduz o leitor à história da família Kerber. O octogenário Herbert Kerber é um antigo médico que enfrenta problemas de natureza neurológica: acredita encontrar-se no ano de 1945 e não reconhece ninguém do presente, nem sequer os próprios filhos. Preso nas suas memórias, Kerber julga-se num outro momento da sua história pessoal; acredita ter vinte e sete anos e confia a Stefan sentir-se aliviado por a guerra ter chegado ao fim (*idem*, 24-25). Stefan é peremptório em definir o diagnóstico do octogenário: com causa provável no excesso de álcool, o paciente desenvolveu uma neuropatologia, a síndrome de Korsakoff, um distúrbio degenerativo responsável pelo apagar de registos da memória recente, pela desorientação e confabulação e pela retenção da consciência no passado do indivíduo. Na narrativa, este quadro clínico produz efeitos particularmente problemáticos, na medida em que propicia a revelação de uma verdade complexa: Kerber pertenceu às SS, acredita com convicção que apenas cumprira o seu dever e deseja que o discurso acerca da guerra seja finalmente encerrado (Rabinovici 2004, 27).

Hans e Bärbl, filhos do paciente, processam estes factos de forma diferenciada (evidenciando-se a consistência da narrativa com o comportamento padronizado assinalado em diversos estudos sobre descendentes de perpetradores nazis¹): inicialmente o filho não atribui particular relevância às acções passadas do pai, mas logo depois, receando que a revelação deste passado possa perturbar a sua carreira em ascensão, tenta subornar o médico em troca do seu silêncio. Ao contrário do irmão,

¹ Veja-se, por exemplo, Bar-On, Dan. 2004.

Bärbl fica obcecada com a ideia de obter uma confissão do pai. Montando uma espécie de tribunal privado, passa a assumir diversas personagens. Ora como membro da família, ora como agente do partido nazi ou então como oficial enviada pelas tropas aliadas, obstinadamente Bärbl submete o pai a uma série de interrogatórios, de inquisições, sempre com um fito muito concreto: “er möge endlich die Wahrheit sagen, möge seine Schuld gestehen und irgendeine Scham” (*idem*, 125).

O segundo eixo temático do romance desenvolve-se a partir do pitoresco Naschmarkt, descrito como um mundo à parte, uma ilha dentro da metrópole (*idem*, 18), um mundo que se assemelha à mítica torre de Babel onde, desde há vários séculos, não só Alemão mas também Italiano, Grego, Turco ou Polaco são línguas comumente faladas. Será neste mundo polifónico que o leitor encontra trabalhadores polacos, cantores brasileiros, vendedores turcos e gregos que no seu quotidiano interagem com Stefan e o seu eclético e multicultural grupo de amigos: o judeu Lew Feiniger, a jornalista austríaca Sophie Wiesen, o estudante de cinema Tom Wandruschka, o filho de um diplomata do Congo Patrique Mutabo, a realizadora de cinema do Kosovo Flora Dema e o seu operador de câmara, o sérvio Goran Bošković. A origem internacional destas personagens transforma Viena num palco transnacional, particularmente este mercado, que é retratado como um mosaico de múltiplas identidades, o epicentro do multiculturalismo, como uma verdadeira aldeia global. O Naschmarkt parece, em suma, assumir-se como a face visível da globalização, “o *locus amoenus* do pluralismo cultural” (Beilein 2008, 97) e o modelo de um mercado mundial mais amplo que todos nós, cidadãos do mundo, habitamos.

Com efeito, a leitura inicial do texto leva a crer que existe uma simbiose perfeita entre a comunidade imigrante e a cidade de Viena. Esta harmonia, porém, será apenas aparente ou ilusória, pois cada um dos imigrantes (legais e ilegais) retratados no romance é portador de histórias de vida que revelam a fragilidade identitária deste grupo de indivíduos. Na realidade, uma análise mais aprofundada revela que todo este cenário multicultural é, no fundo, uma falácia e que a maioria desses indivíduos se encontra em situação de precariedade. Embora actuem numa cidade percebida como moderna, tolerante e humanista, estes sujeitos sentem-se desenraizados e *sem lugar*. As figuras romanescas de Doron Rabinovici não possuem uma identidade una e definida, mas possuem múltiplas identidades configuradas a partir dos diversos contextos históricos, ideológicos, económicos, sociais e étnicos de onde emergem. Toda esta diversidade

conflui para o Naschmarkt, um local com uma identidade própria e autónoma, um porto de abrigo para “ortlos”, para todos aqueles que buscam uma ideia de “lar” num país estrangeiro e num ambiente urbano por vezes hostil (Kecht 2008, 38). Na verdade, estes actores são sujeitos que vivem numa espécie de diáspora e indivíduos para quem o mercado representa um lar improvisado, tal como afirma o autor a propósito do título que escolheu para o seu romance:

Das Wort "ohnehin" ist ein schönes Wort, weil es verweist auf eine gewisse Beliebigkeit als Grundstimmung jener Jahre in dieser Generation, und es verweist für mich auch auf eine gewisse Ortslosigkeit, etwas, was sicherlich zu tun hat mit einem Markt, etwas, was sicherlich auch zu tun hat mit den Bedingungen von Weltmarkt in unserer Zeit, und etwas, was zu tun hat damit, daß eigentlich wir alle - seien es Juden oder Arbeitsmigranten oder nicht - in einer Art von Diaspora heute leben.² (Kaukoreit, 2004)

São várias as situações de desajuste, de conflito identitário narradas nesse palco. Por exemplo, é neste mercado que a figura do judeu sobrevivente Paul Guttman encontra algum conforto e desenvolve sentimentos de ligação e pertença a um país que tardou em assumir os seus crimes e em reconhecer as vítimas do Holocausto³. É

² Ainda a propósito do carácter enigmático do título, Doron Rabinovici esclarece em entrevista o sentido que pretende dar ao advérbio “ohnehin”, tendo referido que o termo aponta para uma ideia de ligeireza, de facilidade com que se esquecem acontecimentos importantes do passado, questão que – como veremos mais adiante – é um dos aspectos centrais do romance: “Im Deutschen ist “ohnehin” ein Wort, das im Grunde nichts fragt, ein Wort einer gewissen Leichtigkeit. Auch etwas das nicht klar ist. “Ohnehin” – nicht klar. Das Wort “ohnehin” erinnert an die Wortlosigkeit des Lebens, nicht nur für die Juden, denn wir alle leben heutzutage jenseits von der Heimat (dieses deutsche Wort!). Für immer mehr Leute, das ist die Globalisierung. “ohnehin“, wir haben keine Utopie mehr. Die Utopie ist untergegangen. Es steht nicht nur für die Leichtigkeit, sondern auch für die Vergessenheit” (apud Simões 2009, 438).

³ Na Alemanha o processo de domínio e integração do passado nazi tem passado por diversas fases e tem alimentado múltiplas discussões e reflexões, sob as mais diversas perspectivas, desde há mais de seis décadas. O julgamento de Nuremberga (1945), o processo de Auschwitz (1963-65), a *Historikerstreit* (1986-1989), a controvérsia lançada por Daniel Goldhagen (1996), o diálogo tenso entre Martin Walser e Ignaz Bubis (1998) ou a inauguração do *Holocaust-Mahnmal* em Berlin (2005) são, assim, alguns exemplos desta longa *Vergangenheitsbewältigung*. Na Áustria, porém, o passado foi tratado de forma distinta. Após a constituição da Segunda República, a 27 de Abril de 1945, no mesmo momento em que os Aliados exigiam aos Alemães acções de responsabilização pelo genocídio, aos Austríacos foi atribuído o papel de vítimas do regime nazi, atributo formalmente formulado na Declaração de Moscovo de 1 de Novembro de 1943. O processo de reconhecimento da participação e colaboração voluntária e oficial da Áustria com o regime nacional-socialista viria a ocorrer somente no final dos anos oitenta, momento em que a “Lebenslüge” austríaca foi então revelada (Bunzl 2000, 159). Até esse momento, a Áustria assumiu o papel de primeira vítima do agressor alemão e construiu uma identidade colectiva baseada numa ideia de vitimação. Os sete anos de colaboração activa com o regime de Hitler foram, assim, escamoteados, recaracterizados e transformados num mito nacional, numa versão inventada da própria história. A constatação tardia da culpa austríaca viria a ocorrer somente em 1986, ano em que Kurt Waldheim foi eleito Presidente da Áustria. Esta eleição gerou enorme controvérsia, pois veio a lume o facto de Waldheim ter exercido funções como oficial na *Schutzstaffel*. Este confronto com o passado do Presidente e a defesa de que apenas cumprira o seu dever, motivou o reequacionar da participação austríaca no regime nacional-socialista e o reconhecimento de uma co-autoria nos crimes perpetrados.

também aqui que o leitor identifica os problemas identitários das várias gerações de imigrantes. Por um lado, a primeira geração vive repartida entre o país de origem e o país de acolhimento sempre na ânsia do regresso, (inadvertidamente) evita a integração e persiste em viver num estado provisional (na falsa ilusão de que seria de facto capaz de preservar a sua identidade original intacta); por outro lado, a segunda geração vive uma situação de conflito identitário por não saber onde firmar as suas raízes, onde alicerçar o seu Eu, no fundo, sem saber se é um *insider* ou *outsider* naquela sociedade em concreto. Na realidade, a identidade da segunda geração de imigrantes é uma identidade fragmentada, uma identidade que tem não só que integrar dois códigos culturais distintos, e em alguns aspectos contraditórios, mas também uma identidade que busca reconhecimento e aceitação num lugar que, de acordo com a perspectiva do autor, claramente negligencia os problemas dos grupos minoritários.

Esta mesma questão estende-se de igual modo ao grupo de amigos do protagonista. Aqui Doron Rabinovici dá amplo destaque à problemática do racismo na sociedade austríaca. Em muitos passos do texto literário encontramos mensagens do activista político, defensor do slogan “Keine Koalition mit dem Rassismus”, a propósito da coligação da *Volkspartei* com a *Freiheitliche Partei Österreichs*⁴. Patrique Mutabo, nascido e educado na Áustria, acusa o estigma de se ser africano na sociedade vienense. Porque pertence a uma minoria que nunca foi reconhecida, nem verdadeiramente aceite e devido à “sua situação” (isto é, a generalização de que Africanos ou indivíduos de tez escura são criminosos), Patrique receia ser injustamente abordado pelas forças policiais. Patrique insurge-se e defende “Ich bin ein Österreicher. Ein echter. Ein waschechter”⁵

O acontecimento que ficou conhecido como o “Waldheim-Affäre” provocou, na verdade, uma cesura sociopolítica que acabaria por ser responsável pelas narrativas politizadas e pela atitude de intervencionismo social de um conjunto de autores austríacos de origem judaica. Doron Rabinovici é um destes actores sociais que nos seus textos (tanto ficcionais como não ficcionais) manifesta uma atitude crítica relativamente a algumas decisões políticas austríacas. Com efeito, numa entrevista à *Neue Züricher Zeitung* (11.07.1998), Rabinovici reconhece como a figura de Kurt Waldheim assumiu um papel decisivo na sua conduta enquanto cidadão e escritor: “Man kann sagen, Kurt Waldheim hat mich so richtig in die österreichische Innenpolitik eingeführt oder zumindest ins Österreichische gebracht. Ohne ihn wäre ich vielleicht nicht mehr da” (*apud* Silvermann 1999, 263).

⁴ Em entrevista, Rabinovici dá conta desta sua luta pessoal e política contra o racismo que, em 2000, mobilizou cerca de 300.000 pessoas em protesto contra este novo governo constituído por elementos que haviam feito campanha eleitoral exortando ideais racistas: “Mich beschäftigt aber nicht nur die Frage des Antisemitismus. Mich beschäftigt gegenwärtig auch die Frage des Rassismus. Mich beschäftigt zum Beispiel tatsächlich, daß in den letzten Wochen ein Mauretanier bei einer Polizeiaktion zu Tode kam. Und die Art und Weise, wie darauf reagiert wird, von dem Innenminister, wie darauf reagiert wird von den Medien, ist unter jeder Kritik und unter jedem Niveau” (Werners e Gick, 2003).

⁵ As palavras de Mutabo foram cuidadosamente escolhidas pelo autor na medida em que elas assumem uma crítica ao slogan político “echter Österreicher” utilizado pela *Volkspartei* na campanha

(Rabinovici 2004, 163). Às figuras de Flora e de Goran cabe o papel de representar a situação dos refugiados, dos ilegais, dos “sem papéis” que desesperadamente procuram escapar ao olhar das autoridades. Pertencerá particularmente à figura de Goran denunciar a situação precária dos refugiados e revelar os receios de quem à noite, nos seus pesadelos, é perseguido por pilhas de cadáveres – descrições semelhantes àquelas que conhecemos da documentação histórica e dos relatos dos sobreviventes de campos de concentração:

In dieser Nacht begann er wieder vom Krieg zu träumen, sah sich vor den Leichenhaufen, zwischen denen er sich einst verirrt hatte, hörte seine Schwester nach ihm rufen, wachte auf mit einem Schrei [...] Flora rekelte sich aus dem Bett, schlich zu ihm hinüber, streichelte ihn, deckte ihn zu, sagte, es sei nichts, bloß ein Traum. Aber Goran schüttelte den Kopf, umfaßte sie, und sie fuhr durch seine Locken, während er weinte, von den Gruben stammelte, ausgehoben von Dorfbewohnern, vom schaufeln der eigenen Gräber, von zwei Schwestern am Rande, Mädchen an denen sich die Mörder vergangen hatten, einer nach dem anderen, vom verblutenden Vater, der noch gezwungen worden war, der Vergewaltigung seiner Töchter zuzuschauen. (Rabinovici 2004, 143-144)

No seio do grupo os problemas concretos de integração de Patrique ou o estado de invisibilidade social de Flora e Goran não são, na verdade, discutidos. Apesar de se assumirem como um grupo de indivíduos interessados, que debatem assuntos socialmente prementes como questões relacionadas com o racismo, o discurso populista de Jörg Haider ou a guerra nos Balcãs, estas discussões nunca abandonam um nível meramente superficial, nem têm efeitos práticos sobre as situações precárias de alguns membros do grupo. O verdadeiro Eu destes sujeitos é completamente ignorado o que, conseqüentemente, denotará que a sua real identidade não tem significado ou não merece ser reconhecida. Esta superficialidade nas relações, esta falta de interesse ou de capacidade de olhar para além dos próprios problemas, deverá ser interpretada como um quadro representativo de toda a sociedade vienense que não conhece, nem quer conhecer as complexas circunstâncias em que se encontram alguns dos seus elementos. Este alheamento em relação ao presente, característico da síndrome de Korsakoff diagnosticada ao velho Kerber, parece, assim, residir em toda a sociedade, acusada de

eleitoral de 1970. Ao criticar e reverter uma ideia com fortes conotações anti-semitas e racistas, Rabinovici desconstrói, assim, um conjunto de estereótipos e ilustra, através desta figura em concreto, o desrespeito social pelas minorias étnicas e culturais.

incapacidade de reflexão sobre os erros do passado e adequada acção relativamente ao presente.

Para além da questão da multiculturalidade, da problemática dos frágeis processos de integração social e consequentes crises identitárias e ainda do tema do confronto com o passado nacional-socialista, *Ohnehin* aborda igualmente a temática da relação entre judeus e não-judeus de segunda geração. Os dois eixos temáticos do texto – o problema da família Kerber e as relações estabelecidas a partir do mercado – encontram-se na narrativa no momento em que a filha do antigo nazi conhece Lew Feiniger, um judeu de segunda geração, descrito como o filho que teve que preencher as projecções e aspirações de uma família que perdeu tudo durante a tentativa de genocídio. Este encontro demonstra como para ambas as figuras o passado familiar se assume como um motivo de conflituosidade interior e relacional, como um elemento identitário incontornável. Apesar de Bärbl reprovar as acções do progenitor, de assumir as dificuldades que sente em lidar com uma história familiar tão problemática e de se identificar com os traumas da segunda geração judaica, considerando que os filhos dos criminosos e os filhos das vítimas têm muito em comum (Rabinovici 2004, 117), Lew rejeita tal paralelismo, fica exasperado com aquilo que considera ser uma tentativa de solidariedade e recusa qualquer diálogo com os descendentes dos carrascos da sua família. Ainda que Bärbl tenha feito várias tentativas de aproximação, Lew Feiniger não se demove, manifestando de forma intransigente uma profunda relutância em estabelecer qualquer relacionamento com os filhos dos responsáveis pelo sofrimento dos pais. A memória de um passado marcado pela violência nazi assume, assim, os contornos de uma memória hereditária, cujo ímpeto parece não desvanecer junto da geração que, na verdade, não a viveu:

Keineswegs, antwortete Lew, und er lächelte dabei, sprach ganz leise, er empfinde eine Sympathie nur für einzelne Menschen, aber gar keine Neugier auf eine sogenannte Generation, auf die Nachkommen von Tätern. [...]

Sie faßte seine Hand: ‘Aber vielleicht war mein Vater der Mörder deiner Verwandten. Wir beide, wir zwei Kinder von Opfer und Tätern, leiden bis heute unter den Untaten solcher Männer, wie er es war.’ [...]

Lew schüttelte den Kopf, murmelte: ‘Du eine Leidtragende der Vernichtung? Ein Opfer deines Familiennazis’. [...] Du würdest am liebsten eine antifaschistische Pyjamapartie veranstalten und in Häftlingskleidern herumlaufen. Du bist kein SS-Opfer. Hörst du? Und mich wirst du auch zu keinem machen. Ich bin kein Opfer. Meine Verwandten waren welche, gewiß. Ich nicht. Verstehst du? Ich nicht. Was hast du gesagt? ‘Wir Kinder von Opfern und Tätern?’ Meinst du, wir wären eine einzige große Familie?

Eine Art Mischehe aus Juden und Nazis? Eine Täteropfermischkulanz... die Mischpoche von Auschwitz? Wir Kinder? Ich will kein Kind mehr sein. Ich bin erwachsen. Du auch. Es ist an der Zeit. (Rabinovici 2004, 117-118;119)⁶

Apesar da herança do Holocausto e das suas implicações na constituição identitária das gerações pós-Holocausto continuar a ser um dos elementos fundamentais na obra literária de Doron Rabinovici, *Ohnehin* vem demonstrar uma outra faceta do autor, intrinsecamente relacionada com a sua condição de sujeito portador de duas linguagens identitárias. Na verdade, Rabinovici actua em dois contextos distintos, em duas constelações identitárias que, em variadíssimos aspectos, se assumem como contrárias. O autor fala de um “Eu-Judeu” e de um “Eu-Austríaco” (Rabinovici 1999) e assume sentir-se preso nesta duplicidade, isto é, na sua identidade história e cultural

⁶ Os efeitos transgeracionais do nacional-socialismo, amplamente documentados em diversos estudos no âmbito da psicologia do trauma, apontam para descrições de quadros clínicos onde, de facto, é possível estabelecer alguns paralelismos entre os traumas de filhos de sobreviventes e de filhos de antigos nazis. Se, por um lado, a transferência de traumas profundos caracterizou a vida familiar de muitas vítimas, por outro lado, existem evidências clínicas dos efeitos traumáticos desse mesmo passado sobre os descendentes da geração nazi, assinaladas a partir da monitorização de determinados padrões comportamentais de um número significativo de sujeitos (veja-se, por exemplo, Bar-On 2004 ou Bergmann e Jukovy 1995). Com efeito, será possível sinalizar um conjunto de simetrias psicológicas que nos permitem afirmar que os filhos das vítimas e os filhos da geração nazi terão problemáticas identitárias comuns, na medida em que ambos são herdeiros do mesmo passado e repositórios da mesma memória histórica. Este perfil simétrico – traçado não só a partir de dados recolhidos em contexto clínico, mas também considerando o número de textos autobiográficos de familiares de antigos nazis recentemente publicados (por exemplo, Senff, Alexandra. 2007. *Schweigen tut weh*; Frank, Niklas. 2006. *Meine deutsche Mutter*; Schirac, Richard. 2005. *Der Schatten meines Vaters*; Himmler, Katrin. 2005. *Die Brüder Himmler. Eine Familiengeschichte*; Bruhns, Wibke. 2004. *Meines Vaters Land. Geschichte einer deutschen Familie*; Bruner, Claudia e Uwe von Selmann. 2004. *Schweigen die Täter, reden die Enkel*; Bode, Sabine. 2004. *Die vergessene Generation. Die Kriegskinder brechen ihr Schweigen*; Pollack, Martin. 2004. *Der Tote im Bunker. Bericht über meinen Vater*; Kessler, Mathias. 2002. *„Ich muss doch meinen Vater lieben, oder?“ Die Lebensgeschichte von Monika Göth, Tochter des KZ-Kommandanten aus ‚Schindlers Liste‘*, etc.), assim como a presente tendência literária para o debate de problemas do foro identitário relacionados com este passado específico – propiciou o questionar da perspectiva pessoal do autor relativamente às assumpções deste conjunto de indivíduos.

Como podemos de seguida verificar, o posicionamento crítico de Doron Rabinovici não difere muito da atitude da sua personagem “Lew Feiniger”, na medida em que o autor não reconhece uma simetria consistente entre as vivências dos dois grupos. Quando confrontado com os documentados efeitos traumáticos do silêncio relativamente passado no seio de algumas famílias de antigos nazis, Rabinovici defende: “Nein, das sind ganz andere Situationen als in jüdischen Familien. Das Schweigen in meiner Familie war kein Verschweigen. Das Schweigen in meiner Familie folgte einem Trauma. Die Opfer konnten mit ihren Kindern nicht reden über die Schmach, die ihnen angetan worden war. Das war Teil ihres Traumas. Sie logen aber nicht. Die Kinder wurden von ihnen durch Liebe erdrückt, durch ihre großen Erwartungen belastet, aber nicht durch Kälte und Härte gequält. Die Opfer fanden keine Worte, für was ihnen widerfahren war. Die Nachkommen der Täter trugen viel härtere Auseinandersetzungen mit ihren Eltern aus. Hierin liegt letztlich einer der Gründe weshalb die deutsche Linke in den Jahren 1968 zum Terrorismus fand. Für sie war die ältere Generation eine Verbrechergemeinschaft von Nazis. Für Kinder der Opfer hätte hingegen jede Aggression gegen die Eltern bedeutet, das Werk der Nazis weiter zu führen Sie waren in ihrer Aggression gegen die eigenen Eltern gehemmt. Es gibt also kaum gegensätzlichere Verhältnisse als zwischen den Familien von Opfern und jenen von Tätern. Es gibt allerdings ein Interesse auf Seiten der Nachkommen der Täter, sich mit den Juden zu identifizieren. Sie fühlen sich schließlich auch als Opfer von Nazis, da sie sich als Opfer ihrer Nazieltern fühlen. Das mag verständlich sein, aber es hat mit der Realität wenig zu tun, denn die Opfer von Nazis wurden von den Tätern nicht etwa streng erzogen, sondern bestialisch ermordet“ (*apud* Simões 2009, 441).

judaica e na sua identidade linguística e social austríaca. O sentimento de pertença a um conjunto de tradições e aspectos culturais coexiste, assim, com o sentimento de ligação ao país onde fala e escreve na língua dos criminosos. É nesta ambivalência, nesta existência difícil e problemática que procura a sua identidade, uma identidade que, inevitavelmente, terá diferentes camadas, que será plural, híbrida e fragmentada.

O romance em apreço poderá, então, ser compreendido com o resultado desta duplicidade identitária e interpretado como uma metáfora da amnésia social generalizada que o autor observa na sociedade onde actua. Neste texto é sua intenção criticar a ausência de altruísmo, a indiferença, o preconceito e as generalizações a que muitas das personagens do romance são sujeitas. Enquanto algumas destas figuras, especialmente as que pertencem a minorias negligenciadas, aspiram à sua integridade pessoal e ao reconhecimento social, as restantes figuras personificam a incapacidade de relembrar da qual a sociedade civil genericamente parece sofrer. Na visão de Rabinovici, devido a este esquecimento colectivo a sociedade incorre nos mesmos erros do passado, do passado nacional-socialista, na medida em que, adoptando o papel de mera espectadora, continua passivamente a ignorar a necessidade de legitimação e de aceitação de um conjunto de indivíduos.

A partir da dicotomia entre o passado e o presente o autor propõe ainda uma fórmula para a resolução deste impasse através da figura do imigrante grego Georgio Alexandrus. Georgio, que perdera a perna no seu tempo de jovem revolucionário, fala da prótese que agora a substitui. Diz que ainda hoje sente dores no membro que perdeu, as dores fantasma que continua a estranhar, mas de que precisa para continuar a andar: ao sentir os dedos, o pé e a perna que não possui, consegue colocar a prótese e depois senti-la como se fosse a sua própria carne (Rabinovici 2004, 203-204). Esta imagem da amputação e da prótese, do que já não existe mas que, porém, não deve ser esquecido, é a metáfora para um postulado fundamental: os acontecimentos do passado fazem de facto parte da história, mas a memória desses acontecimentos não deve ser esquecida, antes, sim, continuamente lembrada e discutida para que tenhamos a noção de quem verdadeiramente somos e para que, enquanto civilização, saibamos actuar no presente. Por este motivo, quando Stefan Sandtner e Herbert Kerber – figuras modelares da sociedade austríaca em geral e da geração nazi em particular – verbalizam a vontade de não mais falar sobre a guerra, Rabinovici lembra que não esquecer é, acima de tudo, um imperativo moral incontornável.

Referências Bibliográficas

- Rabinovici, Doron. 2004. *Ohnehin*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Assmann, Aleida. 2006a. *Generationsidentitäten und Vorurteilstrukturen in der neuen deutschen Erinnerungsliteratur*. Wien: Picus Verlag.
- Assmann, Aleida. 2006b. *Der lange Schatten der Vergangenheit. Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*. München: C.H. Beck.
- Assmann, Jan. 1992. *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*. München: C.H. Beck.
- Bar-On, Dan. 2004. *Die Last des Schweigens. Gespräche mit Kindern von Nazi Tätern*. Frankfurt am Main: Campus Verlag.
- Beilein, Matthias. 2008. Auf diesem Markt ist Österreich: Doron Rabinovicis "Ohnehin". In *National Identities and European Cultures*. Editado por J. Manuel Barbeito. Bern: Peter Lang.
- Bergmann, Martin S. e Milton Jucovy. 1995. *Kinder der Opfer. Kinder der Täter. Psychoanalyse und Holocaust*. Frankfurt am Main: S. Fischer.
- Bunzl, Matti. 2000. Die Wiener Jahrhundertwende und die Konstruktion jüdischer Identitäten in der Zweiten Republik. In *Erinnerung als Gegenwart jüdische Gedenkkulturen*. Editado por Sabine Hödl e Eleonore Lappin. Berlin: Philo.
- Hirsch, Marianne. 1997. *Family Frames: Photography, Narrative and Postmemory*. Cambridge: Harvard University Press.
- Kaukoreit, Volker. 2004. Viele Fragen. Doron Rabinovici: Ohnehin. *Büchermarkt, Deutschlandfunk* (27 Julho), <http://www.dradio.de/dlf/sendungen/buechermarkt/289513> <acesso em 26 de Janeiro, 2005>.
- Kecht, Maria-Regina. 2008. Literarische Topografie der Einwanderung: Rabinovicis Roman 'Ohnehin'. *Österreich in Geschichte und Literatur* 52 (1): 35-43.
- Kraft, Thomas. 2000. Introdução de *aufgerissen. Zur Literatur der 90er*, by Thomas Kraft. München: Piper Verlag.
- Rabinovici, Doron. 1999. Doron R. und D. Rabinovici. Der nationale Doppler. *haGalil*, <http://www.hagalil.com/archiv/99/10/austria.htm> <acesso em 26 de Janeiro, 2005>.
- Ramalho, Maria Irene, e António Sousa Ribeiro. 2001. Identidade e nação na(s) poética(s) da modernidade. In *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Editado por Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro. Porto: Edições Afrontamento.
- Silverman, Lisa. 1999. Der richtige Riecher: the reconfiguration of Jewish and Austrian identities in the work of Doron Rabinovici. *The German Quarterly* 72 (3): 252-264.
- Simões, Anabela Valente. 2009. O lugar da memória na obra de jovens autores de expressão alemã. Ph.D. diss., Universidade de Aveiro.

Werners, Franziska e Markus Gick. 2003. Sie sollen es merken: Interview mit Doron Rabinovici. *haGalil*, <http://www.hagalil.com/archiv/2003/10/rabinovici.htm> <acesso em 26 de Janeiro, 2005>.

Young, James E. 2000. *At memory's edge: after-images of the Holocaust in contemporary art and architecture*. New Haven: Yale University Press.